

**COLUNA**

**PESSOAS E MUNDO EM MOVIMENTO**

Janaina Santos

**O refúgio e as migrações no Brasil atual**

Para compreendermos a questão migratória e os deslocamentos humanos no Brasil de hoje é necessário fazermos um exercício de deslocamento de nosso olhar, percebendo ao mesmo tempo o que está próximo e o que está distante. Isto porque a polarização social, política e ideológica que toma conta do país insere-se em um quadro global no qual os migrantes são cada vez mais criminalizados e impedidos de se deslocarem.



E aqui é importante lembrarmos da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), de 1948, que idealmente busca garantir, no seu artigo 1º, que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. (...)” e no seu artigo 13, que “1. Toda a pessoa tem o direito de livremente circular e escolher a sua residência no interior de um Estado; 2. Toda a pessoa tem o direito de abandonar o país em que se encontra, incluindo o seu, e o direito de regressar ao seu país”. Todos os 193 países-membros da ONU são signatários da Declaração Universal dos Direitos Humanos, incluindo o Brasil.

Apesar disso, grande parte deles insiste no fechamento de suas fronteiras, terrestres ou líquidas.

Falando destas últimas, apenas entre janeiro e o final de setembro de 2019 a Organização Internacional para as Migrações (OIM) da ONU estima que ao menos mil migrantes tenham morrido tentando atravessar o Mar Mediterrâneo. Por outro lado, assistimos à proliferação da construção de muros e cercas, bem como da vigilância e hostilidade para com os seres humanos que precisam se deslocar, seja para fugir das guerras, seja para buscar outras possibilidades de vida.



Foto: Alexander Gottschalk/ Bundeswehr  
Publicado no Jornal Grande Bahia

De acordo com a Convenção de Genebra<sup>1</sup>, de 1951, são refugiadas as pessoas que se encontram fora do seu país por causa de fundado temor de perseguição relacionada a questões de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais, e que não possam (ou não queiram) voltar para casa. Ao longo da segunda metade do século XX, também passaram a ser consideradas refugiadas aquelas obrigadas a deixar seu país devido a conflitos armados, violência generalizada e violação massiva dos direitos humanos e mais recentemente, pessoas perseguidas em função de sua orientação sexual ou de gênero. Entretanto além destas, há muitas outras causas que impulsionam os deslocamentos de mais de 70 milhões de pessoas no mundo, como catástrofes ambientais, desemprego, interesse em melhores colocações profissionais, reagrupamento familiar, interesse em processos educativos e formativos, busca por novos horizontes imaginativos ou mesmo rituais de passagem.

A despeito das muitas razões que impulsionam os movimentos de pessoas, é fundamental que elas encontrem acolhimento e hospitalidade, e isto só se torna possível através do reconhecimento de sua humanidade e da percepção que a diversidade funciona como um conector de mundos e possibilidades, contribuindo para um mundo mais plural. Migrantes e refugiados proporcionam maior riqueza cultural, linguística, religiosa, étnica e social, além de reconhecidos esforços de empreendedorismo.

Mas as fronteiras enfrentadas por migrantes e refugiados não são apenas físicas, mas também simbólicas e muitas vezes acompanhadas de violência, exploração sócio-laboral, escravização, mortes, preconceito racial, religioso, de gênero, linguístico e de inúmeras hostilidades.

<sup>1</sup> Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951.



Foto: Fachada do Restaurante e Bar Al Jannah um importante centro de integração cultural que congrega a comunidade migrante na metrópole paulistana.

Como exemplo podemos citar um fato acontecido há pouco mais de dois meses, em 1º de setembro de 2019, no qual o bar e restaurante Al Jannah, localizado na região central de São Paulo, foi alvo de um ataque xenofóbico. Propriedade do palestino-brasileiro Hasan Zarif, o bar tornou-se, ao longo dos últimos anos, um importante centro de integração cultural e congrega a comunidade migrante na metrópole paulistana. Ali trabalham vários palestinos refugiados na Síria. No local também acontecem debates sobre política e a situação no Oriente Médio, através da atuação de militantes do Movimento Palestina Para Todos e apresentações culturais como a que acontecia no momento do crime, com músicos brasileiros e sul-africanos. E não foi esta a primeira vez que o Al Jannah foi alvo de ataque, pois em

2016, numa ação ainda não esclarecida, policiais militares lançaram bombas de gás lacrimogênio, atingindo clientes e funcionários.

Os migrantes, como Zigmunt Bauman mostrou em seu derradeiro livro “Estranhos à nossa porta”, são apenas os mensageiros das más notícias, “nos lembrando de modo irritante, exasperante e horripilante a (incurável?) vulnerabilidade de nossa própria posição e a fragilidade endêmica deste nosso bem-estar que tanto nos custou alcançar” (Bauman, 2016, p.21). Como o texto de Bauman deixa claro, os migrantes não são as más notícias ou seus causadores, mas seus deslocamentos nos obrigam a deslocar nosso olhar e enxergar as consequências dos desiguais processos de desenvolvimento humano e social ao longo da história e suas consequências.

Assim, ao se deslocarem territorial e culturalmente, as pessoas que migram impõem ao mundo a necessidade de migrar também, através de sucessivos deslocamentos que exigem o repensar de muitas construções: desde a arbitrariedade do estabelecimento de fronteiras quanto a histórica produção de discriminações, preconceitos e estigmatizações.

Seus deslocamentos nos falam sobre “O perigo de uma história única”, fazendo referência à Chimamanda Ngozi Adichie (2019), que nos adverte como ela se produz e se reproduz a partir das estruturas hegemônicas de poder: “mostre um povo como uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”. A história única cria estereótipos fazendo com que uma história se torne a única história, roubando a dignidade de pessoas e desumanizando-as. Acolhê-las é ampliar nosso sentido de humanidade e nossa compreensão de mundo.



Dados de 2015 apontavam que o principal destino dos refugiados dos países africanos não é a Europa, como muitos pensam, mas continuava sendo o próprio continente africano, que abrigava mais de um terço destes refugiados.

Os migrantes e refugiados vêm, portanto, nos lembrar que existem muitas histórias e muitas vidas sendo invisibilizadas em diversas partes do mundo e que elas precisam ser ouvidas e vistas. Muitas destas histórias são transportadas nos corpos e nas memórias daqueles e daquelas que têm a coragem de se deslocar e atravessar as fronteiras existentes.

Os migrantes, a despeito de todas as dificuldades encontradas em suas trajetórias, nos ensinam novas possibilidades de compreender o mundo. Vamos ouvir suas mensagens!



### **Janaína Santos**

Doutora em Antropologia Social pela UFSC (PPGAS), mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (2007), especialista em Educação a Distância, graduada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004). Pesquisadora da temática das migrações no estado de Santa Catarina. Membro do GAIRF (Grupo de Apoio a Imigrantes e Refugiados de Florianópolis), do GT I - Grupo de Trabalho sobre Imigração da Comissão de Direitos Humanos da ALESC, do Observatório das Migrações da UDESC e do GESTO - Grupo de Estudos em Oralidade e Performance. Coordenadora de Avaliação e Apoio Pedagógico (CAAP) e do Programa Institucional de Apoio Pedagógico aos Estudantes (PIAPE/UFSC) em Florianópolis.